

Diário do Povo: 71 anos de vida

# Vitórias de Campinas. E do jornal

Assim como se descreveu a morte um dia, nas páginas do jornal falou-se de vida. De salvação. Em 1978, o embate do **Diário do Povo** foi contra o Clube Campineiro de Caça e Tiro, que prometia matar em julho - num campeonato - cerca de 1.500 pombas. A população não deixou que o fato ocorresse, e no dia 5 de julho de 78 a manchete do jornal foi sobre o campeonato que se transferiu para São Paulo. "Massacre afinal foi anulado".

E a luta continuou em defesa de um patrimônio da cidade: a Orquestra Sinfônica. Em projeto encaminhado no início de abril de 1979, o vereador Hélio Rosolén - alegando que a folha de pagamento dos músicos onerava os cofres públicos - propunha a sua extinção: Mas Campinas venceu e a população não perdeu sua orquestra. Por 15 votos contra apenas o do ex-vereador, o projeto foi conscientemente rejeitado. A música continuou para não deixar a cultura morrer.

Parte da história dos 71 anos do **Diário do Povo** também superou metas e limites, abrangendo em suas notícias nacionais e internacionais momentos que marcaram o mundo e a Nação. Através das páginas do jornal, o campineiro viu a Revolução de 30. A Revolução, que mudaria os rumos do País, transferindo o pólo de decisão política, até então entre São Paulo e Minas Gerais e o seu sistema de rodízio no poder "Café com Leite", foi amplamente divulgada. E uma nova era com o presidente do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, assumindo o Governo federal seria transcrita a cada momento.

que fosse tocada a sereia em homenagem à vitória da Frente Popular. E em várias edições e muitas reportagens se descreveu o sonho perdido da epopéia paulista.

A Campanha do **Diário** contra a Companhia Campineira de Água e Esgoto, em 1921, exigindo uma regularização no abastecimento da cidade. O Golpe de 37 e o Estado Novo. A visita do escritor Érico Veríssimo à cidade. A vitória do Guarani no Campeonato Brasileiro de 78. A beleza da mulher campineira vencendo o Concurso Miss São Paulo em 38. A instalação da Replan em Paulínia, num desejo de toda a população da Região e o apoio do jornal. As lutas e conquistas que Campinas obteve deste 1912. O ciclo constante de mudanças.

## Nas campanhas, o interesse popular sempre à frente

E o que mudou nas lutas do jornal? Onde está a combatividade inicial? A força dos meios de comunicação de massa não se alterou. Pelo contrário, aumentou em importância a partir do momento que a notícia é transcrita com maior rapidez e fluidez (não dependendo de telegramas que demoravam até vários dias para chegar); e superou o número de leitores de um periódico que cresceu em tiragem. Mas, deve-se também se pesar que o número de jornais em todos os Estados, com a chegada da rotativa, diminuiu.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030307

## Muitas mudanças, numa época em que tudo mudava

Assim como as mudanças permanentes, o **Diário do Povo** não parou. E seguiu uma trilha contínua rumo à notícia e a informação da opinião pública. E eram tempos onde as mudanças recriavam conceitos e estruturas na sociedade brasileira. Foi no dia 15 de junho de 1932 - durante a Revolução Constitucionalista - que Campinas e Jundiaí são atacadas. As tropas governamentais bombardeiam a cidade, e um bomba cai sobre a Pensão Santa Cruz, na rua Campos Salles. E as tropas voltam a atacar nos outros dias, quando dezenas de pessoas são feridas e um escoteiro - Aldo Chioratto, de 18 anos - é morto. Os novos bombardeios da Aviação continuam, mas Campinas resiste.

Antes, no dia 24 de maio, a manchete do jornal é "São Paulo, autônomo, reintegra-se à comunhão brasileira". E toda a reportagem é a história de como os partidos Democrático e Republicano Paulista se uniram para formar um secretariado que desvinculasse o Estado das determinações do Governo Federal. E Campinas parou diante do **Diário do Povo**, onde, reunida no Largo do Rosário, a população ouvia as notícias sobre o movimento através de um sistema de autofalantes instalado na praça.

À noite, após um comício marcado, um comício espontâneo levou o povo às ruas, numa marcha que empunhavam bandeiras do Brasil e de São Paulo. A multidão parou diante do **Diário**, e em aplausos e manifestação de apoio, se uniu ao jornal que articulava a defesa do Estado e da soberania. Depois, seguiu para outro jornal, onde em vaias e assovios, exigiram

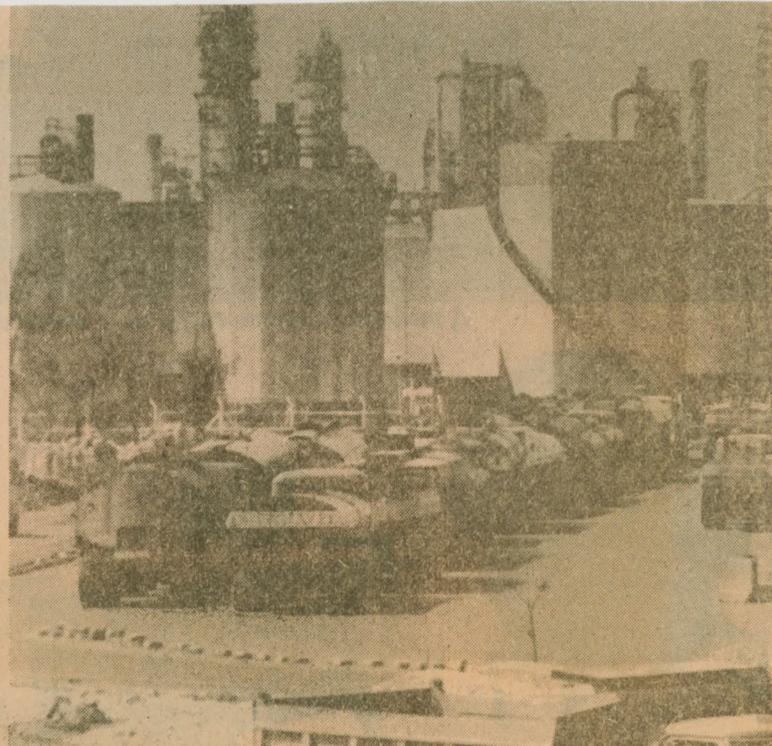
As empresas que viviam quase que por romantismo ou diletantismo deixaram de resistir. O tempo e o mercado venceram os "mais fracos". Sobreviveram, entretanto, os que conseguiram superar crises internas e externas. E 71 anos de reformulações e crescimento se consolidaram. O Jornalismo — ou os meios de comunicação social — passou a ser conhecido pela Sociologia Moderna como o "Quarto Poder", Junto ao Legislativo, Executivo e Judiciário (senão decidindo, ao menos influenciando), os MCM estão ligados à própria determinação de teorias e modismos.

E no ano passado um recuo da administração municipal salvou o Largo do Rosário, que corria o risco de se ver transformado num terminal de ônibus. O **Diário do Povo** colocou-se ao lado da população na defesa das tradições e história da cidade e lutou contra o projeto. Aos poucos a Prefeitura e a Setransp descobriram que vários segmentos de Campinas eram contrários ao terminal. O Pacote do Trânsito, depois de uma campanha diária em preservação do Largo do Rosário para os aposentados, crianças, pombas e populares, foi mudado; e o Rosário — além de não virar Terminal — perdeu mais alguns dos ônibus que desfiguravam o ritmo normal da sua vida.

Mas os 71 anos também viram muitas eleições, como a de 82 — quando o sistema de redemocratização do general João Batista de Oliveira Figueiredo foi posto à prova e venceu — e a união de toda uma cidade em torno de um único drama: o da jovem Mariuza Carreira, de 23 anos, que dependia de Cr\$ 101 mil para voltar a enxergar. O jornal acreditou em Campinas e a cidade mostrou que sofre com quem precisa e ajuda a todos. A moça operou-se e voltou a enxergar. Nesse ano, outro pedido a Campinas e outra resposta: os flagelados das chuvas em Minas Gerais receberam um caminhão lotado de mantimentos para tentar diminuir um pouco a sua dor.



Largo do Rosário: a praça das pombas preservada



Replan: todos queriam e o Diário do Povo também



*Maternidade: campanha do Diário em 1962*

## Em 71 anos, toda a história da 2ª cidade do Estado

E a própria história do **Diário do Povo** se mistura com a cidade e o seu povo. A visita da Rainha Elizabeth II a Campinas - para conhecer o Instituto Agrônomo e a Estação Experimental Teodureto Camargo. A Revolução de 5 de julho de 54, quando o general Izidoro Dias Lopes liderou um golpe e que levou repórteres do **Diário** à Capital, com uma edição especial sobre todo o movimento na segunda-feira. As 1ª e 2ª Guerras Mundiais e todo o seu desenrolar que alterou nações e sistemas políticos.

A conquista do espaço e a chegada do homem à Lua, em 68. As notícias do mistério do Contrato de Risco, que o jornal publicou antes de qualquer órgão de Imprensa. As passeatas estudantis de 68. O Golpe Militar de

1964. A Unicamp, sua criação e pesquisas - marco da Ciência brasileira. E a construção de Viracopos, centro de entrada e saída de mercadorias e passageiros do País, se uniria às obras da Maternidade de Campinas, na Orozimbo Maia, quando a cidade contribuiu - após uma campanha do jornal - com Cr\$ 100 mil, em 1962.

E os fatos marcantes da cidade, os pitorescos, o dia-a-dia do povo e das autoridades, a ação da Igreja, das organizações sociais, dos sindicatos "passaram" pelo Jornal. Desde o classificado comum à notícia de repercussão nacional. Diante da máquina de escrever e da máquina fotográfica, por detrás de cada tipo e matéria, o retrato da vida pulsante da segunda metrópole do Estado. Seguindo a sua rota - descrita desde 1912 como "defensora intransigente de todas as classes sociais" - o **Diário do Povo** se mantém a todo o momento no caminho da busca da dignidade humana e jornalística.



*Viracopos: a porta campineira aberta ao mundo*



*Unicamp: da criação, até o reconhecimento mundial*

JFT 8.4.3.4.8-4

DIÁRIO do Povo: 71 anos de vida. 1919: "taramelar" no telefone era caso de notícia. Diário do Povo, Campinas, 20 jan. 1983.

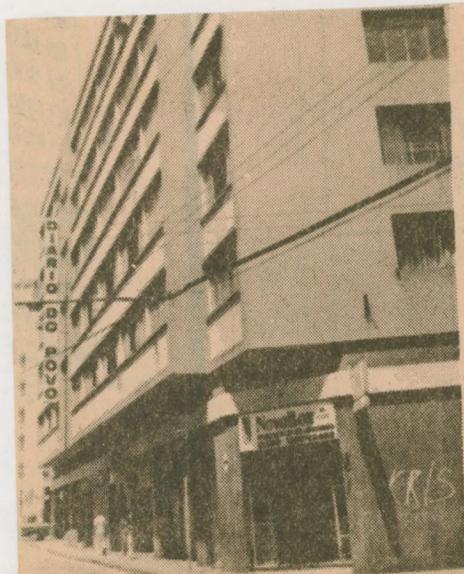
Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030306

### 1919: "taramelar" no telefone era caso de notícia

Mas como o jornal chega ao público? Retratando os fatos diários, o jornal espelha a realidade, ou uma versão dessa realidade. A notícia - mesmo mantendo-se um distanciamento dela - subscreve, a depender da fonte, um caminho sinuoso, que deve, profissionalmente, atingir uma gama variada de leitores. Do fato para o repórter. Desde, após a elaboração do texto, para o editor. Do editor para a digitação, onde a notícia será impressa em colunas para a posterior montagem.



*O prédio anterior, ainda ativo*

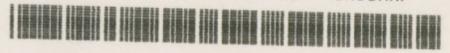


*O primeiro prédio do Diário*

JFT 8.4.3.4.8-5

DIÁRIO do Povo: 71 anos de vida. Do nariz de cera ao moderno "lead" foram 7 décadas. Diário do Povo, Campinas, 20 jan 1983

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030305

## Do nariz de cera ao moderno "lead" foram 7 décadas

Mas a gramática alterou-se. A forma jornalística de lidar com o texto transformou-se e o interesse pelas matérias transferiu-se. Agora o sentido é outro. As ansiedades são outras. As lutas e conquistas, medos e perigos, esperanças e ilusões tomaram um novo rumo. A velocidade - desde 1.922 incorporada ao dia-a-dia da própria intelectualidade brasileira (com o advento da Semana de Arte Moderna) - trouxe para as "estradas do Jornalismo" um novo sentido e reflexão.

Aboliu-se o velho "Nariz de Cera" (forma de se contar os fatos como uma pirâmide invertida, onde o narrador cria uma história, qual conto parnasiano ou prosa literária) e criou-se o "lead", onde as informações básicas da matéria se estruturam no início do texto. Hoje, com a repidez e dinamismo dos fatos, com o pouco tempo do homem moderno para absorver-se em leitura e a necessidade de se condensar o importante em poucas palavras, ampliou-se a gama de informações. E com a alteração do texto redefiniu-se a notícia.

Porém, jornal da cidade, o **Diário do Povo** além de adotar o sistema de agências para abastecer-se de matérias nacionais e internacionais, reescreveu toda a sua dinâmica interna no sentido de melhor atender aos interesses da população de Campinas e Região. E foi crescendo junto com Campinas, mutando-se e transmutando-se, que o jornal chegou à 83. Passados 71 anos - que o colocam como o periódico mais antigo ainda em circulação - muitos fatos, fotos e realidades chegaram às páginas do jornal.

Momentos trágicos, como em 1.951, quando o teto do Cine Rique desabou sobre centenas de pessoas. Dezenas de pessoas mortas e centenas de feridas. Saldo definitivo: 25 mortos e 649 hospitalizados. O dia é 19 de setembro e a ruptura de uma viga causou a tragédia. Mas a polícia, que deu a versão, afirmou mais tarde que a "tesoura" (parte da estrutura que sustentava o teto do Cine Rique) tinha sido serrada pelo carpinteiro José Maria Paiva.

DIÁRIO do Povo: 71 anos de vida. Dr. Quirino nº 65: foi lá que o jornal nasceu. Diário do Povo, Campinas, 20 jan. 1983.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030304

Dr. Quirino, nº

65: foi lá que

o jornal nasceu

Tudo começou no número 65 da rua Dr. Quirino. Num grande casarão de esquina - um sobrado - Álvaro Ribeiro e Antônio Franco Cardoso criavam o **Diário do Povo**. O ano de 1912 se iniciava e o prelo "Alauzet" começava a imprimir a história e o dia-a-dia de Campinas. E em chumbo quente, em letras, frases, parágrafos e notícias foi-se construindo a cidade. Lá, repórteres, gráficos e articulistas transformavam e repetiam o mundo.

A partir de então, a cada momento, a cada telex, telegrama, lauda, caneta, máquina fotográfica, de escrever ou rotativa, as modas e modismos, homes e partidos, guerras e conflitos, ideologias e idéias, chegavam no dia seguinte às casas e, os leitores. "Ingente tarefa é a que hoje assumimos perante o público, com o lançamento de nossa folha, que será nessa terra a defensora intransigente de todas as classes sociais. Missão honrosa a que, espontaneamente, nos impuzemos, conscientes do dever a cumprir, sem hesitação e sem compromissos de qualquer natureza, que possam influir na orientação independente que vamos adotar".

"Luctadores, há longos annos, em campanhas travadas em diversas phases da Imprensa local, onde jamais recuamos, saberemos cumprir rigorosamente o nosso programa, que poderia ficar resumido no título escolhido, por ser muito significativo; a nossa folha será o verdadeiro **Diário do Povo**". E a partir de então foi o fato, a busca incessante do equilíbrio e da notícia que nortearam o jornal.